

Afetologia: para uma psicopatologia spinozista*

Paulo de Tarso Peixoto¹

Resumo: Apresenta-se a perspectiva de uma microfísica composicional afetiva intercorpos para se pensar os processos de intersubjetividade e de produção de sentidos. O processo de conhecimento das potências do corpo em campos de experiências inéditos é intitulado de “Afetologia”: uma ciência dos campos de afetações que expressam como cada corpo-subjetividade sofre a força dos encontros com outros corpos-subjetividades. A Afetopatologia é o conceito decorrente desse processo de conhecimento sobre as potências de sofrimento intercorpos. O percurso do artigo chega à questão da clínica e suas relações com a “Semiologia Afetiva”: dos signos e das afecções. São apresentadas vinhetas clínicas que visibilizam o caminho de produção de sentidos e de conhecimentos sobre as paixões e suas relações com os gêneros de conhecimento propostos por Spinoza. Desenvolve-se a epistemologia composicional das paixões como caminho de produção de sentidos. A epistemologia musical apoia todo o percurso do artigo, compreendendo-se que cada paixão, emoção, afeto, enquanto ideias expressas no corpo, são signos melódicos e expressivos dos processos de intercorporeidade e intersubjetividade.

Palavras-chave: psicopatologia, afetologia, semiologia afetiva, intercorporeidade, clínica, música.

Affectology: for a spinozist psychopathology

Abstract: The perspective of an affective interbody compositional microphysics is presented to think about the processes of intersubjectivity and production of meanings. The process of knowledge of the powers of the body in fields of unpublished experiences is entitled “Affectology”: a science of the fields of affectations that express how each body-subjectivity suffers the strength of encounters with other bodies-subjectivities. Affectopathology is the concept resulting from this process of knowledge about the potencies of interbody suffering. The course of the article comes to the question of the clinic and its relations with the "Affective Semiology": signs and affections. Clinical vignettes are presented that make visible the path of production of meanings and knowledge about the passions and their relations with the genres of knowledge proposed by Spinoza. The compositional epistemology of passions is developed as a way of producing meanings. Musical epistemology supports the entire course of the article, understanding that each passion, emotion, affection, as corporeal ideas, are melodic and expressive signs of the processes of inter-corporeity and intersubjectivity.

Keywords: psychopathology, affectology, affective semiology, intercorporeality, clinic, music.

* Trabalho originalmente apresentado na I Jornada de Psicologia Spinozista, realizada na UFF em 2022.

¹ Coordenador da Universidade Livre e do Laboratório de Emoções, Afetos, Sociedade & Subjetividades (LEMASS) da Secretaria Adjunta de Ensino Superior da Prefeitura de Macaé (RJ). Doutorado em Psicologia na Universidade Federal Fluminense. Email: paulo.tarso.peixoto@gmail.com.

1. Prelúdio e as Potências do Corpo em Spinoza: Afetopatologia

Spinoza (2007) é o filósofo do corpo. A partir de sua física ele nos apresenta como os corpos constituem uma microfísica afetiva em campos de afetações diversos. Campos de experiências em que os corpos não estão dissociados da mente. Corpo-mente produzidos e produtores de processos de intercorporeidade e de intersubjetividade. Corpo-mente que se tecem como uma partitura unívoca. Corpo-mente como experiências singulares que se expressam num e só mesmo sentido. Da ‘nervura’ unívoca mente-corpo temos o processo de inseparabilidade de uma experiência que se atualiza, permanentemente, em ato, pelos encontros com outros corpos-mentes.

Spinoza em seu livro maior, intitulado *Ética*, nos indagará (E III 2 esc): ‘o que pode o corpo’? Ninguém ao certo saberá previamente o que pode a potência de um corpo. O saber sobre as potências de um corpo só pode ser conhecido através das experiências que este corpo vive os seus encontros em ato. Conhecer as potências do corpo, considerando que este corpo é produtor de ‘signos afetivos’, ‘ideias afetivas’, nos encaminha à perspectiva da ‘Afetologia’ e de uma ‘Afetopatologia’. Conhecer as potências do corpo na relação com outros corpos, suas misturas, seus efeitos de composições nos endereçam ao conhecimento das ‘melodias dos signos afetivos’ advindas dos processos de intercorporeidade/intersubjetividade.

A afetologia, como um conhecimento dos processos de composições dos afetos, nos fala sobre a ‘afetopatologia’, ou seja, a lógica de como ‘sofremos’ a força de nossos encontros e, com efeito, as variações dos gradientes de potência vitalizados (alegrias) e desvitalizados (tristezas) (E III 11 esc).

Ao longo de nossa experiência clínica no campo de saúde mental há três décadas, percebemos que as pessoas que circulam nestes espaços expressam e se fixam em ‘repertórios’ de afetos de baixa vitalidade, ou seja, com um acento maior nas tristezaas. Ao longo da vida se ‘especializaram’ em compor seus encontros misturando-se em signos afetivos confusos, “parciais” e “mutilados” (E III 9). Elas tomam os efeitos como causas (E I Apêndice), ou seja, não conhecem o processo produtivo e produtor dos afetos tristes que insistem em suas existências. Essas pessoas “sofrem de signos afetivos” dos quais não conseguem explicar suas “naturezas”, ou seja, “como”, com “o que”, “com quem”, “de que forma”, “em quais ocasiões”; seus afetos nascem e se reproduzem em suas vidas, se que se deem conta de como ou por quê.

Estes signos afetivos, tais como, sensações, percepções, emoções, imagens, nas experiências vividas por estas pessoas, inclusive em todos nós, são inteligidos de forma confusa, distorcida. Estas distorções se manifestam através do que Spinoza nomeia como o primeiro gênero do conhecimento. A partir dos campos de afetações entre as subjetividades-corpos, a imaginação é excitada de tal modo, produzindo-se paixões, ideias confusas, podendo diminuir a nossa potência de existir, edificando-se ‘manicômios existenciais’ através dos sentidos mutilados e inadequados das experiências vividas.

Conhecer o que podemos a cada encontro. Conhecer como cada um é afetado num dado encontro, será conhecer fenomenologicamente e cartograficamente como o corpo é excitado por outros corpos na produção daquilo que Spinoza denominou como afetos passivos (E III 11 esc). O campo produtor dos afetos passivos se expressa a partir da experiência que ele nomeou de Primeiro Gênero do Conhecimento (E II 40). Afinal, as paixões nos movimentam e movimentam esta forma de conhecer a vida, os encontros, as experiências vividas.

Segundo Spinoza, o primeiro gênero do conhecimento é o território pelo qual a imaginação é excitada pelas imagens que foram recolhidas dos contatos, dos encontros entre-corpos, intermundos. Destes encontros fortuitos, aquilo que foi recolhido como traço, como vestígio, como ‘signo-afetivo’ advindo de um outro corpo-subjetividade, produzir-se-ão sentidos confusos, ou como nos diz Spinoza, as ideias inadequadas.

Desta forma, o primeiro gênero do conhecimento é tecido por duas vias: de uma parte, através de um ‘ouvir dizer’: aprendemos que o nosso nome é tal, que nascemos em tal cidade, que o Deus que nos ensinaram e que inculcaram em “nossas” mentes nos levará ao céu. Passamos a acreditar nas inúmeras verdades que nos afetam e se misturam em nossa imaginação sem fazermos uma análise sobre o que foi ‘introjetado’ em nossas formas de perceber, sentir, pensar o mundo. Há outras maneiras de agir a partir de um ‘ouvir dizer’: ‘me falaram que transtorno de pânico é igual a diabetes, não tem cura e tenho que tomar remédio pelo o resto da vida...; “me falaram que eu tenho uma doença mental... mas, não souberam me dizer direito o que é ela... e em qual parte do meu cérebro ela está!’. De outro modo, o primeiro gênero do conhecimento, é feito através das ‘experiências vagas’, quando a experiência parece ter mostrado algo, que é generalizado para todos os casos: ‘já passei por isso, a razão é tal e a solução é tal’, ‘todo mundo sente isso, é normal’, ‘ninguém morre por isso’ etc.

A imaginação é excitada pelas ‘marcas’ dos corpos exteriores que são incorporados de forma passiva. Estes ‘corpos’ deixam as suas marcas, seus vestígios em

nós (E II 13 Postulado 5). Spinoza nos dirá que as experiências nos tocam de inúmeras maneiras. A vida afeta nosso corpo de muitas maneiras a partir dos campos de afetações que temos com estes corpos.

Spinoza é leitor dos estoicos. Para estes um corpo poderá ser compreendido como, por exemplo, um ‘corpo-vento’, um ‘corpo-luz-do-sol’, ‘corpo-sonoridade-de-uma-flauta’, que é distinta do ‘corpo-sonoridade-de-uma-voz’. Tudo o que tiver poder de afetação sobre outro corpo será compreendido como um corpo, ou seja, como um corpo-afetante. Um corpo afetante tem a potência de afetação sobre um outro corpo, pois, este corpo e o outro, de alguma forma, foram feitos para receberem os ‘signos-afetivos’ advindos de um e de outro. A isto chamo ‘compleição afetiva’, isto é, um dado corpo possui a potência de se compor, perceber, sentir os ‘signos afetivos’ que dimanam do outro corpo. O corpo vai sendo ‘modulado’, ‘moldado’ a perceber determinadas situações, excitando-se e misturando-se mais com uma dada situação e menos com outras.

Ao longo de meu trabalho clínico em Gestalt-musicoterapia-filosofia, como trabalhador do campo da saúde mental, pude perceber claramente as diferentes formas de ‘complexões afetivas’ daqueles que são classificados de esquizofrênicos (ou por qualquer outra etiqueta ou grade nosográfica). Nunca encontraremos a mesma compleição afetiva entre pessoas que são “portadoras” ou que “sofrem” de uma “esquizofrenia”. Cada pessoa é excitada em sua imaginação, nas formas de fazer contato com as situações, de forma singular e inédita. Cada pessoa é artista de seus contatos e dos afetos que são cocriados em seus encontros (PEIXOTO, 2018, 2021). Cada afeto é a expressão das misturas com os diversos corpos e situações vividos. Daí um afeto ser a expressão de um processo de cocriação com a vida, com o mundo.

Uma característica comum do primeiro gênero do conhecimento e que pode ser visibilizado nas pessoas que circulam no campo da saúde mental, mas, outrossim, em todos nós: as misturas de nossos corpos com outros corpos produzem sentidos passivos, pois, a consciência é tomada por impressões vagas, imagens confusas, ideias mutiladas, misturadas, confluentes e fixadas nas tristezas que, em geral, diminuem a nossa potência de existir. Experiência em que as paixões tristes nos invadem e podem nos dominar. Somos escravos destas imagens, sensações, percepções e ideias confusas. Um ponto marcante nos casos das pessoas que nos procuram no campo da saúde mental: o repertório de afetos é, em geral, reduzido às arquiteturas das paixões tristes. O repertório de experiências vividas reduz-se a um campo de experiências crônico, repetitivo e de baixa criatividade e criação de novas possibilidades existenciais. Vivem misturados às imagens

das experiências vividas no passado e nas imagens de um futuro que ainda não aconteceu. Vivem das “noias”, na temporalidade dos ressentimentos, das misturas e confluências nas imagens já vividas ou ainda por viver, ao invés de entrarem na temporalidade fluídica de “Aion”, o tempo do devir, do tempo da invenção, tempo do devir-criança. Vivem de afetos passivos e confluentes em temporalidades e espacialidades do passado e do futuro. Vivem de manicômios imaginativos (PEIXOTO, 2007).

Numa de suas dimensões, a imaginação pode nos impulsionar na direção de interpretações dos acontecimentos pelos efeitos – tomando os efeitos como causas – e não pelo processo produtor que gerou a experiência. Nesta condição, conforme Spinoza, somos ‘causa parcial’, ou seja, estamos separados da nossa potência de compreensão sobre o que se passa em nós na relação com o campo de experiência de que fazemos parte.

O ser humano é finito em suas formas de perceber, de pensar, de refletir. Com efeito, nossa compreensão a respeito do mundo sensível, por sua vez, também é finita. Por este prisma, nós nos preenchemos com partes de imagens, com partes de ideias que temos sobre as imagens que foram recolhidas destes campos de afetações, suscitando ideias inadequadas ou confusas. Spinoza dirá que nessa experiência somos ‘causa parcial’. Aquele que busca sentidos imediatos, sobretudo, apoiando-se nos traços e vestígios que foram recolhidos da experiência imediata, sendo trabalhados pelas leis da imaginação, poderá se ‘enredar’ numa cadeia de ideias confusas, mutiladas e ‘parciais’. Aqueles que buscam e são guiados pela imaginação “passiva”, “confluente e fixada” nas imagens do passado ou de um futuro, criam sentidos através dos seus efeitos. As pessoas que avaliam as experiências da vida e dos seus encontros passivamente, através dos efeitos, são aquelas que criam conclusões sem premissas, ou seja, elas criam gêneses inadequadas.

Este tem sido o caminho de milhões de pessoas que se misturam aos diagnósticos que recebem dos especialistas no campo da saúde mental: por um ouvir dizer acreditam que possuem tal ‘doença mental’. Superidentificam-se com seus diagnósticos, pois, assim como toda crença bem introjetada, passam vagamente a encarná-los como as verdades que foram proferidas pelos discursos competentes da verdade científica.

2. Para uma Semiologia Afetiva: dos signos e das afecções

Até este momento compreendemos que os campos de afetações entre-corpos-subjetividades podem nos conduzir à produção da experiência do primeiro gênero do

conhecimento. Afinal, somos seres finitos em nosso entendimento. Somos afetados por forças advindas de um mundo infinito. É parte de nossa potência de existir ‘sofrer de paixões’, pois, podemos ‘sofrer de tantas maneiras o quanto for possível’, ampliando nosso repertório de sensibilidades e percepções. O problema, a “noia”, começa a “rolar” quando nos fixamos e ficamos passivamente confluentes, misturados em imagens, sensações, percepções de nossos encontros com outros corpos-subjetividades. Nestas ocasiões, nossa potência de existir expressa um repertório de possibilidades afetivas e desejanças diminuída e confusa.

A “noia” emerge como um fenômeno nascente de campos de afetações que, de alguma forma, nos toca de modo sorrateiro, quando somos pegos por algum ‘signo afetivo’ advindo da experiência em que somos parte. A fala de alguém, algo que uma pessoa possa nos ter feito, são alguns dos exemplos em que os traços destas experiências excitam a imaginação que se associa às emoções e às ideias mutiladas e confusas. Desta forma, vamos sendo preenchidos ‘passivamente’ pelas imagens dos corpos exteriores. Corpos-imagens, corpos-sons, corpos-vozes, corpos-gestos, corpos-ideias que nos afetam. Por vezes, nem percebemos que somos afetados por eles.

Para a construção da *afetologia* e, mais precisamente, da *afetopatologia*, precisaremos conhecer como o paciente, usuário do SUS, quer seja num atendimento individual, quer seja numa atendimento grupal-comunitário, se relaciona com os campos de afetação de sua vida e, com efeito, quais são os seus graus de potência e os processos de autorregulação afetiva a que é capaz em diversas situações.

Seguindo a perspectiva spinozista dos campos afetivos produtores das afecções, diremos que todos nós conhecemos as imagens sensoriais daquilo que nos afeta, através das percepções e impressões que formamos delas. Por conseguinte, será através das imagens sensoriais que formamos a imagem da relação de nosso corpo-subjetividade com os outros corpos-subjetividades. Esta imagem intercorpórea já é, ela mesma, uma ideia perceptiva, sensorial.

Vale ressaltar que a imagem de um pássaro que corta os ventos, como se deslizasse numa onda na paisagem do céu, pode nos afetar de tal modo, produzindo-se em nosso corpo-subjetividade afetos de leveza, paz, integração, destemor, arrojo, criatividade, dentre outros afetos. O campo de afetação formado pelo corpo-subjetividade-pássaro-ventos-céu possui um grau de potência o suficientemente ressonante-simpático, sincrônico, empático e sintônico para a produção dos afetos descritos acima no corpo-subjetividade-indivíduo-situado-na-paisagem. Vale ressaltar

que um corpo-subjetividade é aquele que, sobretudo, possui potências de sentir, para além de um sistema nervoso central. Isso vale para os campos de afetações entre os humanos e os seres-não-humanos. Como, por exemplo, a relação do ser humano e o ser planta. “Algo” entra em ressonância entre estes corpos-subjetividades. O afeto de tranquilidade, de harmonia, de paz, de serenidade advém ao corpo-subjetividade-humana. Por outro lado, existem pesquisas que indicam graus de potência afetivas das plantas, mesmo que elas não sejam detentoras de um sistema nervoso central.

O geneticista japonês Kazuo Murakami, em seu livro *Código divino da vida* (2008, p. 40), afirma que existe um campo morfoafetivo genético onde “todos os seres vivos usam o mesmo código genético. Isso significa que todos, sejam eles fungos, a bactéria E. Coli, plantas, animais ou seres humanos, funcionam de acordo com o mesmo princípio.” Os arranjos e composições das “melodias genéticas”, conforme Murakami, é que darão a tonalidade da vida orgânica. Desta forma, existem “melodias afetivas” engendradoras de campos de afetações entre estes seres para a produção de afetos ativos potentes. Corpo-subjetividade-planta e corpo-subjetividade-forma-humana compõem um corpus-ambiente mais amplo, um ambiente de vida complexo que não pode ser medido pelas réguas da ciência clássica, mas, talvez, seja compreendida pela perspectiva de uma *Scientia Animae Sensibilis*. uma ciência da alma-natureza sensível que compreende campos afetivos entre-corpos-subjetividades. Corpos-subjetividades que compõem uma política de vida, como veremos mais adiante.

Nessa parte já ingressamos em nossa “Semiologia Afetiva”. Uma semiologia dos sinais e signos intercorpos, intersubjetividades, intermundos. Uma semiologia que se dirige à compreensão sobre como os corpos-subjetividades compõem seus encontros, ampliando ou diminuindo suas potências de existir. Vale ressaltar: o corpo humano e corpo flor podem se compor de tal modo a ampliar suas potências de existir. Vale conhecer como eles compõem este encontro. Afinal, um corpo flor expressa complexões afetivas e afetantes que podem entrar em composição com os corpos humanos. Assim, o biólogo Jacob Von Uexküll (1965) nos ensinou sobre a “sinfonia da natureza”: ela expressa modos de composições inéditos e singulares entre os seres da natureza.

A partir da perspectiva dos graus de potências, ou seja, do poder de afetar e de ser afetado entre-corpos-subjetividades, entramos na microfísica spinozista naquilo que diz respeito ao processo produtivo das afecções. Como vimos anteriormente, temos os corpos afetantes e os corpos afetados. No entanto, o corpo afetante deixa suas marcas, vestígios

e traços de seu corpo no corpo afetado e, com efeito, este recebe, de alguma forma, os vestígios, marcas e traços do corpo afetado em seu corpo-subjetividade.

Os vestígios, as marcas, os traços de um corpo-subjetividade, agora, ‘incorporados’ de um ao outro, Spinoza nomeará como afecções. Spinoza (E III definição 3) compreenderá os afetos como “as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada e diminuída, favorecida ou entravada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Spinoza visibiliza o processo dos graus de potência, do poder de afetar e de ser afetado por um corpo-subjetividade, onde as potências de agir de um corpo-subjetividade é aumentada e diminuída, favorecida ou entravada, bem como as representações que podem se formar a respeito das marcas, vestígios e traços daquilo que possa ter sido recolhido pelo corpo-subjetividade de um campo de afetação singular.

Tomemos como exemplo o ato de escutar uma música. O corpo-subjetividade-música afeta um corpo-subjetividade-humano. Considerando que uma música expressa mundos, formas de sensibilidades, maneiras de falar do mundo, ela é um corpo-subjetividade que afeta tantos corpos-subjetividades de forma singular e sempre inédita. Esta música poderá produzir lembranças, imagens de uma pessoa, momentos de vida vividos com ela. Estas lembranças, emoções, paisagens vividas são as afecções do campo de afetação corpo-subjetividade-música e corpo-subjetividade-humano. Eles foram feitos de um para o outro. Pois, se acaso assim não fosse, não haveria efeitos de subjetividade, ou nos termos spinozistas, não haveria ‘afecções’ e ‘afetos’, não nasceriam paixões.

Em outros termos, quando somos afetados pela força de afeto de um corpo exterior, ele deixará o seu rastro em nós. Este rastro é o ‘índice-signo afetivo’ engendrador de ‘imagens afetivas’ da memória, da sensibilidade do corpo que é movido, mais uma vez, em movimentar a sua ‘usina de intensidades’. Os campos de afetação movimentam uma usina de processos afetivos, atualizando nossas maneiras de sentir, de pensar e de agir. Este processo produtivo é feito, sempre, através das experiências, sempre singulares e em ato. Daí, nunca saberemos previamente quais são as potências de um corpo. Só poderemos conhecer as suas potências em ato!

Por sua vez, esta ‘usina de intensidades’ expressa as afecções, ou seja, as misturas e composições entre-corpos-subjetividades. Quando somos afetados por algo, há um processo de ‘usinagem’ e de cocriação de formas de sentir, de perceber, na formação das ‘representações mentais ideativas’ que se agenciam às emoções e, estas, se agenciando às imagens de um passado ou de um futuro, produzindo o aumento de potência (alegrias) ou diminuição de potência (tristezas).

Cabe ressaltar a grande invenção spinozista: considerar as experiências de diminuição de potência (paixões tristes) como essenciais para o processo de conhecimento de si e, com efeito, para o caminho ao segundo e ao terceiro gênero do conhecimento. Poderemos compor novos entendimentos e novos mundos de inteligibilidade, quer seja, com as paixões tristes, compreendidas como afetos passivos tristes, pois, não temos uma compreensão clara sobre o seu processo produtivo, quer seja, com as paixões alegres, compreendidas como afetos passivos alegres, pois, também podemos não ter uma compreensão clara sobre o seu processo produtivo, para conquistarmos ‘ideias ativas’, ideias criadoras de novos sentidos que nos conduzam ao governo dos afetos. Governo de si nascido de um processo de conhecimento dos campos de afetações entre-corpos-subjetividades.

Um ponto fundamental a ser destacado: o trabalho de nossa Afetologia, da Afetopatologia e, com efeito, da semiologia afetiva, não é a de *superar* as paixões tristes, como escutamos e lemos em várias ocasiões em apresentações e literaturas. Spinoza, a nosso ver, como um filósofo da complexidade (BOVE, 2010a) compreende que as paixões são necessárias para a construção de novos sentidos. Por este prisma, diremos que ao invés de *superar as paixões tristes*, nós poderemos *compor com elas*. A perspectiva da *superação* indica o movimento de uma *moral* que toma a tristeza como algo negativo.

A Afetologia e Semiologia spinozista que propomos segue a epistemologia composicional (PEIXOTO, 2007, 2013, 2021, 2022). Spinoza é o filósofo da complexidade (BOVE, 2010a). A perspectiva da complexidade pode ser encontrada pela carta 4 à Oldenburg quando Spinoza afirma que se uma só gota de água pudesse ser aniquilada, toda a natureza é que seria aniquilada, se uma simples gota de água for eliminada no universo, todo o universo será eliminado. Spinoza, muito antes de Edgar Morin (2005a), compreendido como o filósofo da complexidade no século XX, apresenta uma epistemologia do complexo, de um mundo que epistemologicamente se constitui por composições. A palavra complexo, assim como nos ensina Edgar Morin, advém da palavra latina *complexus*, ou seja, aquilo que se tece junto. Por este prisma, a epistemologia composicional spinozista nos indica que o mundo, as experiências de vida se compõem por seus poderes de afetações expressando fenômenos sempre singulares e inéditos. Daí a grande importância das paixões para a edificação de sentidos. Elas não precisam ser superadas, mas, outrossim, podemos nos compor com elas, sempre, pois somos seres com “complexões afetivas” que são atravessadas pelas experiências

passionais. Ao invés de eliminar as paixões, comporemos com elas. Diremos: se as paixões fossem eliminadas em nós, todas as outras afecções seriam, por sua vez, eliminadas. A vida é, numa de suas infinitas potências, passional. A aventura spinozista nos convida a compormos com as paixões, como uma partitura semiológica de signos-sinais-traços afetivos advindos de diversos corpos-subjetividades e que constituem a partitura de uma sinfonia do presente de um encontro.

Um outro ponto a ser destacado: uma paixão é um modo de vida. As paixões expressam e edificam ‘modos de vida’. Modos de vida em que cada um pode se aprisionar, constringendo outras possibilidades de poder se sentir, se pensar e de se agenciar em outras experiências, em outros campos de afetação com outros corpos-subjetividades para, assim, poder atualizar e constituir novos campos afetivos de vida. No entanto, a forma de vida aprisionada nas paixões ainda é um modo de viver. Compreender como cada um de nós se compõe e é atravessado pelas paixões é o trabalho de uma semiologia composicional sobre como nos agenciamos e nos misturamos aos signos-vestígios dos corpos-subjetividades que nos afetam e fazem parte de nós.

Dando sequência à semiologia afetiva, chamaremos *signos*, as ideias sensoriais e perceptivas que indicam que estamos misturados, confluentes e preenchidos pelas “imagens-percepções-sensibilidades” do corpo-subjetividade que nos afetou. Ficamos misturados às imagens e percepções daquilo que foi falado por alguém. Essas misturas com os signos-sinais de outros corpos-subjetividades são as afecções-expressões de nossas potências afetivas nascidas de forma singular e em ato.

A voz de uma pessoa, as suas palavras, o seu olhar, a velocidade de sua fala, suas pausas, seus silêncios podem nos afetar de tal modo a ficarmos misturados a estes *perceptus e affectus* (DELEUZE & GUATTARI, 1988). Estes ‘signos-afetivos’, pois são ideias afetivas que foram recolhidas do corpo-subjetividade-pessoa que nos afetou, agora se mistura ao nosso corpo-subjetividade, produzindo uma ‘mistura’, uma ‘confluência’, em termos gestálticos (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997). O problema é quando nos misturamos e nos fixamos às marcas dos vestígios dos corpos exteriores. Sofremos da força de afecção e de afetação dos outros corpos. Tornamo-nos servos das forças externas. Aqui somos ‘causa parcial’, pois, poderemos não saber ao certo o que está acontecendo, quais decisões tomar, o que falar, e, muito menos, dar formas criativas àquilo que se percebeu, sentiu e, com efeito, àquilo que imaginamos e pensamos sobre o fenômeno afetivo que nos atravessa aqui-e-agora.

Somos causa parcial, pois compreendemos em parte o que está acontecendo conosco, o que está acontecendo neste campo de afetação. Como somos seres finitos, em muitas ocasiões compreenderemos parcialmente o que estamos vivendo. Precisaremos de mais tempo para o conhecimento do processo produtivo dos afetos passivos, desta experiência de ser causa parcial, de sermos ‘passivos’ e ‘misturados’ aos ‘signos-afetivos-afetantes’ dos corpos-subjetividades que deixam seus rastros em nós. Precisaremos de mais tempo para podermos dar novas ‘*gestalten*’, novas formas ao que sentimos, percebemos, imaginamos e, com efeito, sobre o que pensamos sobre o que se passa (PEIXOTO, 2018).

Spinoza nos dirá que a primeira ideia que temos é a ideia de nosso estado de corpo. Por este prisma, o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo e o corpo existente em ato (E II 11 e 13). Spinoza é um filósofo do corpo-subjetividade. Ele conceberá que uma sensação, uma emoção, um afeto, são ideias do estado de corpo em ato. Ideias inscritas e expressas na partitura complexa do corpo. O corpo se expressa através de signos-afetivos, escrevendo a partitura existencial em contrapontos com os signos-linguísticos.

Decorre daí que um corpo-subjetividade é atravessado por signos-afetivos, quer seja, pelas imagens que brotam na imaginação, pelas sensações, percepções sensíveis que caminham pelo corpo, pelas heteróclitas formas de se emocionar e de se afetar nos campos afetivos, quer seja, pelos signos-linguísticos que são organizados em formas expressivas pela palavra, por uma pintura, por uma poesia, pela escrita de uma carta a alguém. Estes e outros signos-afetivos e signos-linguísticos possuem a singularidade de serem ‘expressivos’ (DELEUZE, 2002). Eles expressam o corpo-afetivo-afetante-subjetividade que nos afetou e que se ‘misturou’, entrou em ‘confluência’ com o nosso corpo-afetivo-afetante-subjetividade numa dada experiência.

Assim a mão do violinista vai em direção às cordas do corpo-violão. A cada instante, dependendo do grau de potência que o violinista afetará as cordas do violão na progressão da experiência musical, teremos expressões totalmente singulares do corpo-subjetividade-violão. As sonoridades da música ganham ‘matizes afetivos’ totalmente diferentes, na medida em que o violinista afeta o corpo-subjetividade-do-violão de formas diferentes. Ora mais rápido, ora mais lento, ora com mais pressão, ora com menos, ora com a ponta das unhas, ora com a polpa dos dedos, ora com poucos dedos, ora com muitos, ora batendo em seu corpo como uma percussão, associada às levadas que tocam todas as cordas. Considerando-se, também, que o corpo-subjetividade-do-violão já é

afetado pelo ‘*corpus-ambientis*’, isto é, pelo ambiente que o envolve e, por sua vez, envolve o corpo-subjetividade-do-violonista. Dependendo da temperatura, da umidade e de outros fatores ambientais, o corpo-subjetividade-violão expressará seus matizes afetivos sonoros. No frio seu corpo expressará determinadas potências dos seus signos-afetivos-sonoros. No calor, serão outros signos-afetivos-sonoros que dimanam de seu corpo. Tudo isto na relação com o corpo-subjetividade do músico que se agenciará ao seu corpo para constituírem um ‘corpo-comum-expressivo’ da música executada em ato. Este exemplo nos dá a imagem da compleição afetiva singular de um indivíduo (músico que toca) que se compõe com a compleição afetiva de um outro (corpo-violão-ambiente). Essas são algumas curiosas filigranas da epistemologia composicional intercorpos, transcorpos que se agenciam para a produção das *paixões*. As paixões são primeiras como sementes que podem frutificar sentidos. A isto dependerá como nos agenciamos e compomos com elas.

Desta forma, todo corpo-subjetividade possui a potência de expressar ‘signos-afetivos’ sensoriais, perceptivos, imaginativos, ideativos. Teremos sempre uma ‘ideia afetiva’ de algum ‘signo afetivo’ de “nosso” corpo-subjetividade ou de um outro corpo-subjetividade exterior ao nosso. Coloco a palavra “nosso” entre aspas, pois, isso que somos nós é tão feito de “tantos outros”: outros povos, línguas, modos de viver, de perceber a vida, como nos ensinou Deleuze & Guattari (1988) através dos conceitos de agenciamentos coletivos de enunciação. Cada palavra, cada gesto, modo de ser, é movido por tantas outras formas de ser que nos habitam e dos quais não temos o seu conhecimento pleno. Um modo de sorrir, de olhar e contemplar um entardecer é atravessado por tantas outras “afecções” que nos habitam e das quais não sabemos com quem, quando, como, foram feitas. Umas sim, outras não. Viveremos este belo paradoxo por toda uma vida. Nunca seremos “totalmente” ativos em nossos modos de compor com as paixões. Esta é a grande beleza da obra existencial que compomos com os outros, seres humanos e não humanos.

Ainda na esteira da Semiologia Afetiva, diremos que um brilho de um olhar é um ‘signo-afetivo’ que nos afeta e que produz melodias passionais que emergem em nós. Ele se faz corpo com o meu afeto de interesse, de um desejo de descobrir o mistério que aquele olhar traz consigo. Fazendo-se corpo com as imagens que agora se agenciam à minha imaginação, aos tantos outros signos afetivos que possam me atravessar nesta experiência.

Considerando que, mesmo nos afetos passivos alegres não sabemos ao certo sobre o seu processo produtivo de emergência, ou seja, não sabemos ao certo sobre como uma dada alegria possa se “fazer aparência” e emergência naquilo que sentimos e pensamos, estaremos nós na ordem das paixões. E que possamos ter a potência de vivê-las sem a pressa e o “projeto” de “superá-las” ou, ainda, em buscar uma “verdade” sobre elas.

Se acaso nos sentirmos desorientados, sem saber dar direções sobre nossas “escolhas”, caminhos a serem seguidos, é preciso um pouco de pausa. É preciso que as “paixões cantem” e se expressem no tempo delas. A pressa pode “rasgar o tempo dos sentidos”. Os sentidos mais “ativos”, diremos nós, “criativos”, vêm com o tempo. Este é o trabalho tecido numa temporalidade que faz conhecer gradualmente: a) “como” nos afetamos pelas situações, b) “com quem” nos afetamos e compomos esta experiência; c) “com o que”, “com quais signos-sinais” advindos do mundo do outro nos agenciamos para a “gestação” e “expressão das melodias passionais”; d) em quais “ritmos-temporalidades” as paixões agenciam a experiência intermundos; e) quais são os “coloridos emocionais” que estes encontros expressam, se estes “coloridos emocionais passionais” são recorrentes, “com quem já foram vividos”, “em quais outras situações”.

Estes são alguns “indicadores semiológicos” que podem nos orientar no processo dos agenciamentos e composições com as paixões. Desta forma, podemos compor com as paixões retirando-as do estatuto da negatividade. Conforme o próprio Spinoza nos ensina: não rir, nem chorar das experiências humanas, mas, compreendê-las. Compreendê-las em suas composições, potências, agenciamentos e expressões.

Compreendemos, pelo que foi trabalhado nesta seção, que as afecções são uma forma de conhecimento do primeiro gênero do conhecimento. O corpo-subjetividade sendo agido pelas intensidades, variações, modulações dos signos afetivos advindos dos corpos afetantes. O corpo-subjetividade sendo vivido, sendo governado por estas marcas, impressões, vestígios. Podemos viver nossos encontros movidos pela servidão das paixões que nos atravessam, vivendo uma experiência, ou mesmo uma vida, como nos casos das pessoas diagnosticadas (ou não) com algum ‘transtorno mental’.

3. Das afecções às melodias afetivas criativas: Da produtividade da potência de existir, signos vetoriais e tensões afetivas

Vimos pelas partes precedentes que cada corpo-subjetividade pode ser preenchido, em maior ou menor grau, pelos signos afetivos que advêm de um outro corpo-

subjetividade. Esta experiência pode produzir ideias confusas, quer seja através das ideias sensoriais e emocionais que fazemos desta experiência, quer seja através das representações-ideias que fazemos dela.

No entanto, vimos que existem afetos passivos alegres. Como no caso do violinista e o seu violão. Esta experiência pode estar sendo tecida num *corpus ambientis* em que está presente um público interessado por sua música. O olhar, o movimento do corpo do público, enquanto o processo musical do corpo-subjetividade-violão-violinista se faz, dentre tantos outros signos afetivos, são vetores que fazem parte deste *corpus ambientis*. Os afetos que nascem no violinista é o de estar numa aventura, numa experiência em que ele pode sentir que está, a um só tempo, em ressonância-simpatia, sincronia, empatia e sintonia com o violão e o público. Temos um *corpus ambiente* sintônico! Tudo flui!

Durante a apresentação, ele tem consciência do prazer, do desejo de se aventurar um pouco mais em determinadas escalas e acordes, em produzir harmonias que não estavam previstas. Mesmo que, por vezes, uma nota não tenha saído da forma que desejaria, ele continua e não interrompe o processo da experiência. Ele sabe que pode continuar esta experiência. No entanto, ele não tem consciência de tudo o que se passa. Ele não sabe explicar todos os afetos que o atravessam. Após o espetáculo ele poderá dizer: “não existem palavras para explicar tudo o que eu senti durante a execução de minhas músicas, daquilo que senti do público, enquanto tocava. Eu não sei sobre tudo que senti nos momentos de uma música para outra. Nem daquilo que sinto aqui-e-agora”. Ele vive a experiência do inefável, daquilo que é de difícil apreensão pelos signos linguísticos. Ele, talvez, queira ficar com os afetos que o atravessam agora, após o espetáculo e de poder apreciar essa experiência. Talvez, ele saiba que, por vezes, as palavras nos impedem de sentir, conforme nos diz a filosofia taoísta! As palavras podem produzir mais confusão, pois, não é, ainda, o tempo delas. As palavras possuem o tempo certo de sua “gestação” e o seu tempo de “nascer” para a produção de sentidos, para o processo de produtividade da potência de existir de forma criadora. Mas, vivemos numa sociedade que estimula a “tagalerice” para todos os cantos. Dar o tempo... o tempo de nascimento das palavras. Este é um toque clínico necessário no processo de produtividade de sentidos criativos e potentes na relação composicionais com as paixões.

O tema do “nascimento da palavra” me instiga. Este é o momento de nascença da expressão pelas palavras, sem pressa. Momento de um profundo contato com o que nos atravessa, com aquilo que se expressa como melodias de *perceptus e affectus*.

Momento de uma “percepção de melodias sensoriais”, como ideias melódicas do corpo. Momento do “canto de um silêncio-pausa” que faz gestar e chegar o “tempo das palavras”. Trago um exemplo que me marcou profundamente no trabalho clínico.

Lembro-me de inúmeros exemplos no meu trabalho como clínico, quer seja no campo da saúde mental, quer seja no meu trabalho no atelier-consultório. Um que me marcou profundamente foi o que se deu numa experiência com uma senhora. Ela com a idade de 75 anos e que adorava trabalhar com o corpo. Num de nossos trabalhos de “metáforas corporais” agenciadas pelos movimentos expressivos do corpo, respiração e os “envelopes sonoro-musicais” (LÉCOURT, apud PEIXOTO, 2019) que eu produzia ao piano, ela desenha caminhos com o corpo.

Esta experiência nasceu de um tema que, na primeira parte da sessão, estava sendo desenvolvido a partir das histórias de vida e dos caminhos que ela experienciou. Ela traz o desejo de poder “inventar novos caminhos para a sua vida”. Daí construímos, juntos, a metáfora “construir caminhos com o corpo”. Ela no tatame e eu no piano. Sou atravessado pelos rastros dos signos afetivos de sua voz, contando suas histórias de vida; pelas imagens que me atravessaram no momento deste relato; pelas pausas que ela dava, quando fechava os olhos para sentir o que havia falado; pelos signos afetivos dimanados de sua respiração profunda que, por vezes, precisava “pegar o ar”, conforme ela dizia; por suas risadas que brotavam no *corpus-ambiente* o brilho de sua vida; por suas lembranças de situações vividas tristes que se encadeavam como “temas melódicos desvitalizadores” e que apareciam como “cortes na duração” (DELEUZE, 2002) de sua alegria. Ela era nordestina e a potência de vida estava ali, sedimentada nos escombros de uma vida composta por encontros tristes. Quando descrevo estes signos afetivos, aqui-e-agora, no ato da escrita, é ser atravessado por eles, mais uma vez, como se pudesse estar com ela agora. E isso foi há 24 anos atrás.

A música começa. Uma composição que se improvisa a partir destes signos afetivos que me percorrem... me atravessam. Eles transitam em minha imaginação, ganhando o corpo-corporeidade dos signos sonoros-musicantes do piano, agenciados pelos toques de meus dedos que deslizam pelas teclas. Ela, a senhora, desliza pelo espaço com movimentos curtos. Compomos o “deslize temporal-espacial” na gestação de outros tempos-lugares.

Quando a música começa a se expandir, ela amplia a paisagem de seu corpo como um pássaro que ganha os céus. Ela pinta os movimentos dos afetos que a atravessam em sua experiência. Caminhos corpóreos e caminhos musicais se entrelaçam na criação de

uma paisagem quase indescritível. Ela começa a dar movimentos mais rápidos com os braços e mãos. Suas pernas ganham o espaço, como se ela buscasse se aventurar em novos territórios. Tudo isto de olhos fechados. Minha imaginação é afetada por estas imagens. Tenho a paisagem dela vivendo territórios de vida onde a terra, a lama, a grama, as folhas, passarinhos, riachos compõem o espetáculo de sua vida. A sua compleição afetiva é feita de terra, barro, céu, areia, arte, poesia, dores e alegrias das quais sempre fugia. Estes signos afetivos faziam parte de sua vida.

A música acompanha seus movimentos, ora mais rapidamente, ora mais lentamente. Ela dá uma gargalhada. Feito criança no parque ela dá um berro: “é isso que eu quero”. Esta expressão me afeta, ainda mais, e posso liberar a música das cadências harmônicas e rítmicas que já tinham ganhado corpo durante a experiência. Toco algo no piano contemplando o momento de um “gozo de sentidos sem palavras”. Algo já tinha “nascido” como a “ideia sensorial e perceptiva” gestada de uma composição com a metáfora. Deixo-a viver o instante em sua dimensão infinita, infinitiva, como a infinita temporalidade de *Aion*, a temporalidade do devir, da potência *crianceira* do tempo sem tempo. Entramos nós dois em universos onde o mistério, o desconhecido, a descoberta, podem ser vividos. E vivemos isso juntos.

Com o tempo, a subjetividade-corpo-paciente-terapeuta começa a entrar em novas ressonâncias-simpatias, sincronias, empatias... sintonias. O ritmo da experiência começa a desacelerar, entrando em novas cadências rítmicas. Pausas mais longas. A música se deixa ser pausa. Silêncios mais largos. Movimentos mais doces e curtos. O tempo parece se alongar, se esticar. E deste alongamento e estiramento do tempo, ela mergulha nas almofadas e fica ali, com elas, no chão. A música já quase não mais era. A música era o silêncio dela. Seu corpo-subjetividade marca a cadência da partitura do instante. Um instante infinito que expressa a profundidade da eternidade. E o silêncio se faz corpo.

Depois de um bom tempo, ela se espreguiça e vai para a poltrona. Ela reclina a poltrona e fica ali... de olhos fechados... num silêncio que parece eterno. Desta eternidade do silêncio o que aparece é um semblante leve, sereno, vivo. Eu fico admirando a paisagem que se revela. Ela abre os olhos com um sorriso imenso. Com leveza, falo: “o que o seu corpo nos diz?”. Ela deu um outro sorriso e fez um gesto com o dedo indicador da mão direita, como gesto de que era para eu ficar em silêncio. Ela faz aquele som magnífico: chchchchchchchiiiiii... Ali eu entendi que o silêncio era o mais importante. E me lembrei de que as palavras podem nos impedir de sentir, conforme nos ensinam nossos

amigos taoistas. Ela se levanta, se despede em silêncio, me abraça, me dá um beijo e vai embora.

Na semana seguinte, ela toda feliz me fala: trouxe um presente!! Ela se senta na poltrona, retira um caderno que é um dos nossos companheiros de trabalho, e começa a falar uma poesia. Eu fecho os olhos e sinto. As lágrimas correm docemente no canto de meus olhos, marejando a paisagem que eu admirava. Após a leitura ela me diz: “é preciso tempo para que as palavras possam nascer! Aquele dia eu me engravidei de música, de movimentos, de lembranças, de imagens que eu nem sabia que existiam em mim... e depois, em casa, com o tempo... tudo aquilo nasceu em poesia... fiz o parto de minhas sensações!”. Ela me ensinou que podemos ser parteiros do tempo dos sentidos. Um parto que precisa de tempo... de outras formas de lidarmos e nos agenciarmos com as “melodias afetivas, perceptivas, sensoriais” que nascem de nossos encontros.

Ela adorava estudar filosofia comigo. E dali fomos estudar Sócrates e o parto das ideias, a partir do seu método maiêutico. Assim, aprendemos, juntos, a ser “parteiros de temporalidades para a gestação de sentidos”, dando tempo para os afetos que vivemos em tantas experiências ganhar vida. Assim como uma gestação, é preciso fazer a gestação dos signos afetivos que vivemos numa dada experiência. É preciso dar a eles a “justa biomusicalidade”, o tempo adequado para que os sentidos, as palavras, possam ganhar vida, conforme ela dizia. Aprendi sobre a musicalidade de um parto que faz brotar palavras. Palavras que ganham o estatuto de uma fenomenologia-cartográfica poética. Uma fenomenologia-cartográfica daquilo que precisa, antes, ser gestado, sentido, “curtido”, “maturado”, sem a pressa em se colocar em palavras. E quando as palavras chegarem, os sentidos se tornam unívocos.

Temos a univocidade dos signos afetivos e os signos expressivos linguísticos que nascem em vida, em partituras de sentidos vivos. Daí, o sentido só faz sentido quando é sentido (PEIXOTO, 2007). Desenvolver a capacidade de dar tempo, de marcar cadências rítmicas para a produção de sentidos que não se apressam. Aqui nos encontramos com a potência do corpo-subjetividade que amplia os seus repertórios de vida, de produção de sentidos. Através desta experiência, vivemos, ela e eu, afetos passivos alegres, mas, também atravessados por paixões tristes de suas experiências vividas e relatadas ao início daquela sessão. Aprendemos a compor com as paixões tristes sem tomá-las como “negativas” e que precisariam ser “superadas”. Aprendemos, juntos, a compor com as paixões pelas “metáforas corporais em movimentos” agenciadas pelos “envelopes sonoro-musicais” do piano em composições que produziam nela e em mim outras

sensibilidades, para além daquelas vividas ao início de cada encontro. Tornamo-nos compositores de melodias afetivas criadoras e criativas de sentidos pelo processo dos agenciamentos interpaixões. Essa é a beleza de um processo clínico em que as paixões do terapeuta podem se comunicar com as paixões daquele que ele acompanha.

O processo de construção da metáfora “construir caminhos pelo corpo” nasceu das “paixões” feitas por imagens, sensações, percepções que tivemos sobre os seus caminhos de vida construídos em sua história. Compomos juntos esta experiência. No momento da experiência em ato a composição musical, nascida de forma original e inédita, é movida pelas “paixões” que me atravessam naquele momento. Cada nota, cadência rítmica, harmonias, sendo movidas pelas imagens do que ela tinha relatado anteriormente e que se misturavam com as imagens de seu corpo compondo “novos caminhos”. O processo produtivo e de agenciamento pelas paixões “gestam sentidos”, como ela gostava de dizer. As paixões são as melodias do corpo. As paixões são caminhos misteriosos e curiosos pelos quais podemos reinventar e inventar novos sentidos.

Conforme apresentamos anteriormente, Spinoza é um pensador do corpo. Ele nos indaga sobre ‘o que pode um corpo’. Ele nos indaga sobre as potências de um corpo na relação com outros corpos. Spinoza nos revela a perspectiva de que a “essência da mente é uma ideia e, com efeito, o ser da mente é a ideia do corpo”. A cada instante, temos a ideia sensível, a percepção do estado de nosso corpo. E é através desta ideia corpórea, feita de uma consciência do estado do corpo em ato, é que construímos uma “reflexão” através do corpo. Um corpo-subjetividade que se pensa, primeiramente, por *affectus*, por *perceptus*, por impressões, marcas, vestígios dos outros corpos-subjetividades que inscrevem e escrevem suas ‘histórias’ na história que vivemos no aqui-e-agora da experiência.

Decorre daí que este corpo-subjetividade ‘pensante’ de Spinoza nos encaminha ao mundo das transições, dos ‘cortes na duração’ (DELEUZE, 2002), de um estado ao outro, sentidas pelo corpo-subjetividade em suas experiências de afetação pela vida. Considerando que os afetos podem ter suas características de ‘alegria’ e de ‘tristeza’, compreendemos que toda alegria é um aumento de potência e que toda tristeza é uma diminuição de potência, sem maniqueísmos.

A passagem de um estado ao outro (alegria-aumento-de-potência e tristeza-diminuição-de-potência) poderá ser inteligida como ‘corte na duração’. Assim, uma criança que está brincando com outras crianças vive o seu aumento de potência (alegrias) em poder se aventurar em novas brincadeiras. Daqui a pouco, sua mãe grita para que ele

retorne para casa. É hora de tomar banho para almoçar e ir para a escola. Corte na duração de sua potência de existir e insistir na alegria. Ele grita: “mamãe daqui a pouco eu vou”. Ele deseja insistir e perseverar naquilo que faz sentido e aumenta a sua potência de existir com outras crianças, neste *corpus-ambiente* produtivo e produtor de vida.

A partir deste exemplo, temos a imagem do processo de formação dos cortes na duração da potência de existir numa dada situação. Somos entrecortados, mesmo que não saibamos, por “signos afetivos” que vêm de outros corpos-subjetividades. A nossa potência de existir “sofre” variações intensivas, ou seja, “sofre” a variação de TENSÃO, para mais ou para menos em seus graus de potência. Nosso poder de afetar e de ser afetado varia conforme o processo produtivo dos campos de afetações em que somos parte.

Deleuze (2002), leitor de Spinoza, nos dirá que nossa vida é feita por estas variações intensivas, ou seja, variações de tensões, advindas dos campos afetivos que vivemos. A partitura do *corpus-ambiente* é feita pela temporalidade transiente e pela transitoriedade dos afetos que nela são escritos, inscritos e compostos a cada instante do processo de composição de um dado campo de afetação, de um dado campo afetivo. Deleuze (op. cit.) conceitua a variação intensiva e transitiva dos estados de corpos, compreendendo-a como “signos vetoriais” que “cortam a duração da experiência afetivo-emocional”, do estado “intensivo” do corpo-subjetividade numa dada situação. Desta forma, estas tensões afetivas são atualizadoras de nossas formas de sentir, pensar e agir. Os “cortes na duração” expressam os “tematismos melódicos e afetivos” que se encadeiam pelo processo de agenciamentos interpaixões, intermundos, transcorporais.

A partir da perspectiva dos signos vetoriais, compreendidos como “tensões afetivas”, como signos afetivos que “tensionam” o processo de formação da experiência para aumentos e diminuições nas potências do corpo-subjetividade, importante ressaltar que estes signos afetivos são transientes, transitivos e transitórios. Os signos afetivos encontrados na forma de sorrir, na forma de falar, na forma de gesticular, no semblante do corpo-subjetividade que vai se modulando, de pouco a pouco, expressam a sua atualidade sempre singular. Os signos afetivos expressam modos de ser.

Os signos afetivos do corpo-subjetividade, num dado campo de afetação, são “notáveis” no ritmo, das palavras, na prosódia, nos silêncios, em seus movimentos-reposos-velocidades-lentidões. Diremos que, no instante em que as palavras ganham a sua grande potência é quando delas emanam a coerência integrativa entre o sentir-pensar. A palavra saindo da sua expressão comunicativa, como uma palavra-instrumental, uma palavra instrumentalizada e com o objetivo somente de informar algo a alguém, para

“nascer” como palavra viva, palavra com força de afetação potente de criação e de invenção.

Esta palavra viva, esta palavra com força-afeto, com força de afecção de novas possibilidades no contato que se faz, é uma palavra que pode produzir afetos ativos, assim como vimos pela experiência clínica exposta anteriormente. Apresentamos um breve resumo desta parte, no sentido de construirmos a visão da microfísica afetiva spinozista dirigida à nossa Psicopatologia Estética.

4. Afetologia, Epistemologia Composicional e Sofrimento Complexo

Ao longo destes 30 anos como clínico, musicoterapeuta, Gestalt-terapeuta, filósofo-artista pude desenvolver um método que contribui para a composição com as paixões. Este método contribui na direção do que Spinoza nomeia como as experiências de segundo e terceiro gêneros do conhecimento. Um ponto importante: não entendemos que o primeiro, segundo e terceiro gêneros do conhecimento sejam etapas que vão sendo “conquistadas” por um processo de produção de sentidos. Compreendemos, pela experiência clínica e na vida, que estas formas de conhecimento se tecem num movimento produtivo “com” e “através” da potência das paixões. Paixões que se aliam à potência criativa de compor através de uma imaginação estética e criadora de novas formas, de uma reflexão que se faz pelo corpo, para além da reflexão mediada pelas palavras.

Desenvolver a capacidade de ser *causa sui*, ser causa de si, ser *sui juris*, devir governante de si e não ser governado pelas paixões, pelas afetos passivos tristes não é uma tarefa solitária. Afinal, somos atravessados por tantos signos afetivos advindos de tantas experiências. Cada um é uma multidão. Compor com esta multidão é uma aventura. Este é um convite que faço para as pessoas que eu acompanho clinicamente. Num trabalho a dois, digo sempre, temos a presença invisível de uma multidão de pessoas, de afetos, de sensibilidades, de crenças, de situações vividas com as tantas pessoas e situações que nos habitam.

No entanto, podemos ver na clínica a experiência das pessoas que são “artistas frustradas”, conforme Perls, Hefferline e Goodman (1997). Estes se inspiram em Otto Rank, dando a visibilidade das pessoas que repetem suas obras de vida sem criação, sem o frescor da novidade, sem a potência de uma vida radiosa e vibrante.

É muito comum que os pacientes, quer sejam usuários de saúde mental, quer sejam pacientes do atelier-consultório cheguem falando de seus sofrimentos e coloquem o

acentos no negativo de suas vidas. Eles compreenderam que os dispositivos clínicos possuem a função de ‘tratar de seus males’. Têm a função de ‘curar’ seus sofrimentos. E que os “especialistas”, ou seja, nós, temos a resposta para todos os seus infortúnios.

Uma coisa que faço: vou deslocando a ideia de que o espaço clínico tem a função de ficar centrado na lógica do negativo. Digo: “a vida é feita de alegrias e tristezas. A vida é feita de conquistas e frustrações. A vida é feita de experiências. A vida é feita de possibilidades. Aqui é um lugar que nós compreendemos as composições que fazemos com pessoas, situações, e, não somente, um lugar para “tratarmos” exclusivamente das tristezas”. As pessoas sorriem e mudam o semblante quando falo isto. O ambiente clínico devém um ambiente de vida em que inúmeros caminhos podem ser explorados. Como um ambiente de vida onde duas ou mais pessoas se encontram para desenvolver potências de sentidos, de direções, de compreensão de antigos caminhos que já não fazem mais sentido. Isto é libertador para muitas pessoas. Elas sabem que podem experimentar um espaço de produção de vida.

Daí será preciso desenvolver a capacidade de entrar em contato com o corpo-subjetividade. Desenvolver a capacidade de sentir. De pensar pelo corpo. De perceber miudezas, inspirando-nos na “filosofia poética” de Manoel de Barros: compreendemos que podemos encontrar “exuberâncias no ínfimo”, ou seja, nas paixões, naquilo que “passa batido” em nós. Conhecemos juntos seus poderes em se abrir às situações e em serem afetadas por elas. Percebendo juntos os afetos que delas nascem. Tecemos sentidos criativos, afetos ativos, mediados pela epistemologia das composições das experiências. Por este prisma, desenvolvemos a Afetologia, esta arte-ciência de compreensão sobre as potências de composição de nossas maneiras de afetar e de sermos afetados. Aprendemos, juntos, sobre a Afetopatologia, pois, a cada instante nós “sofremos” a ação dos corpos exteriores, seus vetores e signos afetivos que se agenciam àqueles que já fazem parte de outras experiências emocionais que já trazemos em nós. Aprendemos sobre o “sofrer de alegrias” quando somos afetados por um olhar que nos “abraça e nos acolhe”, quando uma música nos envolve nos movimentando em novas paisagens e coloridos afetivos-emocionais. Mas, que podemos “sofrer de tristezas” e que iremos compor com elas. Elas nos ensinarão muita coisa de nós, sobretudo como construímos modos de vida aprisionados em repertórios afetivos que se repetem. Elas nos ensinarão como construímos nossas redundâncias em nossos modos de afetar e sermos afetados. Aprendemos, juntos, a “polir as lentes de nossas percepções” (PEIXOTO, 2021, 2022), inspirando-nos em Merleau-Ponty (1945). E com as lentes das percepções mais polidas

podermos “devir semiólogos de sensibilidades”. Semiólogos dos sinais afetivos que transitam pelas passarelas intermundos. Aprendemos a nos “in-mundizar”, conforme nos ensina Emerson Merhy (2009). E do processo de in-mundização intermundos aprendemos a nos transcorporalizar em novas experiências e sentidos. Aprendemos a nos conhecer por nossas potências, ao invés de buscarmos os sentidos em verdades heteronômicas advindas das classificações psicopatológicas. E para isso recorreremos sempre a Spinoza.

Spinoza (2007) nos diz que não conheceremos um indivíduo por classes, gêneros e sua espécie. Conheceremos uma pessoa por suas capacidades de se entrelaçar aos ambientes de vida. A estes entrelaçamentos Deleuze (1997, 2002), apoiando-se na microfísica spinozista, nomeia como ‘graus de potências’. Estes dizem respeito às capacidades de afetar e de ser afetado de cada pessoa numa dada situação. Cada pessoa será compreendida em seus modos de se compor com suas experiências de vida.

Podemos conhecer suas capacidades de produção de afetos alegres e tristes em suas relações. Suas capacidades em dar novas formas aos seus modos de compor com as experiências vividas, singularmente e em ato.

A epistemologia composicional que tem como inspirações a epistemologia musical, a perspectiva spinozista das afecções e misturas intercorpos, “transcorpos”, bem como a noção de complexidade em Edgard Morin, nos traz ventos novos na produção de sentidos. Estes podem ser construídos com as pessoas que sofrem. Para além das atribuições classificatórias dos DSMs e CIDs, os profissionais de saúde mental podem compor novos sentidos sobre os repertórios das potências de cada pessoa em seus contatos. Este é o trabalho que nomeamos como Afetologia e Contatologia (PEIXOTO, 2021, 2018, 2017) para conhecer as potências das misturas e composições entre aquele que sofre e as situações, excitando:

- a) A potência de compreender sensivelmente os contatos vividos;
- b) A potência de senti-los e integrá-los ao seu sistema de referências emocionais;
- c) A capacidade de percepção-los;
- d) A potência de imaginá-los;
- e) O grau de abertura existencial aos dados sensíveis que advém das outras pessoas e situações;
- f) O grau de penetração e envolvimento com aquilo que é estrangeiro ao seu mundo;

- g) O grau de capacidade em entrar em ressonâncias com outras possibilidades advindas destas experiências;
- h) O grau de capacidade em entrar em sincronia com aquilo que é parte dos movimentos de ideias, desejos, pontos de vista de outros mundos;
- i) O grau de capacidade de empatizar com aquilo que advém de outras pessoas, sendo uma potência em “acessar a sensibilidade de uma outra pessoa-situação”;
- j) O grau de capacidade de compor campos de experiências sintônicos;
- k) O grau de capacidade de compor a *awareness* do campo de experiência vivida, ou seja, de acompanhar sensivelmente as variações da experiência, assim como um músico acompanha os movimentos musicais de um outro músico que toca com ele;
- l) O grau de capacidade de construir territórios de vida de si para si;
- m) O grau de capacidade de tecer territórios coexistentiais com as diferenças;
- n) O grau de capacidade de ampliar seus territórios de pertencimento em determinados grupos;
- o) O grau de capacidade de abrir-se a territórios de vida que não fazem parte de seu universo de contatos;
- p) O grau de capacidade de ser tocado por questões sociais, empatizando com mundos distantes do seu.

Estes são alguns dos indicadores-princípios que proponho na Psicopatologia Estética que tem como um dos fundamentos a epistemologia e ética composicional que possui suas inspirações na filosofia de Spinoza.

Os indicadores acima favorecem à produção de sentidos vivos na relação com as pessoas que sofrem de tristezas, mas, também, de alegrias. Afinal, quando podemos “sofrer de alegrias e tristezas” sem aprisionarmos a nenhuma destas experiências, diremos, que estamos em pleno exercício da criatividade e da construção de caminhos de vida potentes.

Estes são alguns dos caminhos que desenvolvemos com as pessoas que nos procuram para um trabalho clínico que possui seu viés spinozista. Desenvolver a potência de conhecer por afetos e pelos modos como cada pessoa produz os contatos com suas experiências. Fazemos o convite à epistemologia composicional que é afeita à produção de conhecimentos por uma “ciência da alma sensível” (*Scientia Animae Sensibilis*). Uma

ciência que busca compreender como se tece o sofrimento. Diremos que a todo instante estamos a sofrer a força de afetação de algo. Mesmo uma flor. Ela pode ‘sofrer’ a luminosidade do sol. Ela se abre. A nuvem que passa produz uma sombra. As pétalas da flor podem se fechar, pois, existem flores que são afeitas à luminosidade para desabrocharem seus movimentos de pétalas. Estas flores possuem “potências de sofrer” os aumentos e diminuições de luminosidades. Ela se compõe com o ambiente sempre de forma inédita. A poesia da composição entre seus movimentos e os gradientes de luminosidades expressam seus afetos em movimentos-repousos-velocidades-lentidões das pétalas.

O mesmo ocorre com os seres humanos. Podemos sofrer a força de afetação de um olhar. Nosso corpo pode se expandir em melodias emocionais de alegria se acaso a potência deste olhar for sentido como acolhedor e vital. No entanto, o contrário pode ocorrer. Podemos sofrer de olhares penetrantes e invasivos que impõem sentidos entristecidos. O sofrimento complexo é a experiência de sofrer a força de afetação das experiências em gradientes diversos.

As pessoas que sofrem de sintomas que paralisam suas existências vivem de tristezas. Seus repertórios de “afetações” possuem coloridos entristecidos. Conhecer como estas afetações são feitas é um dos trabalhos da “Afetologia”: uma ciência dos modos de afetação em diversos encontros e situações. Conhecer as potências sobre como uma pessoa é afetada nos leva ao conhecimento de seus sofrimentos alegres e tristes, nos termos de Spinoza, seus aumentos e diminuição de potência.

Propomos pela Epistemologia Composicional da Afetologia, que faz parte da “Psicopatologia Estética”, caminhos para o profissional se orientar no contato com as pessoas em sofrimento e aquelas que desejam ampliar suas capacidades emocionais em suas experiências. Estes caminhos funcionam como “lentes perceptivas” sobre como os contatos são tecidos na relação clínica e, com efeito, a posição e grau de implicação do clínico neste campo:

- a) Ser receptivo à presença de quem está conosco, sentindo sua presença sem buscar explicar ou “reduzir” suas experiências nas “esquadrias classificatórias”, sem interpretações ou reenviá-las às explicações conceituais-teóricas;
- b) Fazer contato e perceber se aparece o “desejo” de esquadrinhar as experiências fenomênicas sensíveis da pessoa num “sedimento de verdade”: seja forte, não caia nessa “tentação”! Proteja as pessoas dos sedimentos de verdade que funcionam como a “moralina” que nos habita e que Nietzsche já denunciou em nós.

- c) Abrir-se ao mistério que advém do fundo de cada palavra, gesto, expressão da pessoa diante de nós;
- d) Percepcionar o que nasce em nosso corpo enquanto sensações, emoções, ideias, imagens, quando somos afetados pelo mistério que vem do outro mundo;
- e) Abrir-se ao mistério que nasce do encontro: abrir os “poros das percepções”;
- f) Sentir “como” e “com o que” entramos em ressonâncias, com aquilo que advém do mundo do outro e que, de alguma forma, se liga ao nosso mundo e ao nosso sistema de referências emocionais;
- g) Sentir se estamos presentes com o que a pessoa relata, sem desviar a percepção do presente na direção de outras imagens, lembranças etc.;
- h) No momento em se falar algo ao outro, perceber como falamos, se somos movidos pela espontaneidade, se estamos sendo autênticos ou se utilizamos recursos habituais como forma de se desviar da experiência ou como forma de concluí-la logo;
- i) Perceber se aquilo que falamos se norteia nos discursos habituais que utilizamos como “clichês” ou se tentamos compor sentidos com aquilo que veio da experiência da pessoa com aquilo que nasce de nós no momento nascente;
- j) Sentir se tentamos nos “agarrar” em alguma verdade já prontinha para ser endereçada ao outro. Isto pode ocorrer nos momentos em que nos sentimos inseguros como se estivéssemos dentro de um rio que nos leva sei lá para onde;
- k) Perceber os momentos em que nossas percepções estão “nubladas”, pois não sabemos ao certo o que se passa na experiência do outro. Este é um momento importante: não tentar controlar tudo, aprender a dar uma pausa para sentir o que advém do seu corpo como pista;
- l) Ser aquilo que somos no momento e que se expressa em nós no encontro com a pessoa diante de nós, conforme nos ensina o poeta Píndaro que inspirou Nietzsche;
- m) Compreender que o olhar que a pessoa tem dela e, com efeito, as percepções que você também tem dela e de você, são percepções e ideias parciais. Não temos a compreensão exata sobre os mistérios que habitam uma pessoa, nem sobre os nossos;
- n) Resistir às tentações do ‘*furor curandis*’;
- o) Resistir às tentações do ‘furor institucionalizador das classificações’;

- p) Se for usar uma classificação, use-a com prudência, compreendendo que elas fazem parte do sistema de referências heteronômicos que produzem verdades e lugares instituídos para as experiências sensíveis humanas e que foram construídas e atualizadas como constructos históricos sobre os desvios das médias dos comportamentos humanos;
- q) Resistir às tentações de reduzir os fenômenos sensíveis do outro em identidades cristalizadas pela psicopatologia;
- r) Resistir às tentações do desejo de verdade sobre o mundo do outro;
- s) Resistir às tentações de produzir sentidos instantâneos. Os sentidos potentes são, mestiçados, cotecidos, cocriados com a pessoa que nos procura. Pacientemente ele desenvolverá com você a arte da paciência de saber esperar o ‘tempo dos sentidos’;
- t) Instigar o outro ao desenvolvimento da capacidade de construir boas questões. Elas podem ser caminhos interessantes para a produção de sentidos;
- u) Mesmo que ‘saibamos’ sobre o sentido do que se passa com a pessoa, calma! Podemos criar boas questões que contribuam à pessoa chegar ao sentido da experiência;
- v) Permita-se atravessar crises. Elas são boas oportunidades para desinstitucionalizarmo-nos das verdades que nublam nossos sentidos, percepções de nós e dos outros;
- w) A outra pessoa não é um ‘objeto’ a ser decifrado e codificado. Ela traz mistérios que ela mesma desconhece. Talvez através deles possamos nos deparar com os nossos;
- x) Como ‘sofremos’ o encontro com cada pessoa que acompanhamos?
- y) Somos, com a outra pessoa, fios que tecem os tecidos de sentidos sobre a experiência vivida;
- z) Somos apenas um dos fios que fiam o processo de produção de sentidos.

5. Afetos do Devir Semiologista das Percepções e Sensibilidades

Spinoza nos convida à invenção de epistemologias advindas do corpo. A psicopatologia spinozista proposta neste artigo é uma provocação a toda forma de simplificação, redução, substantivação em gêneros, classes e espécies de diagnósticos psicopatológicos. Os diagnósticos não explicam as potências de um indivíduo. As

potências de um indivíduo só podem ser inteligidas através de suas experiências, sempre singulares e em ato.

Conhecer as potências do corpo, conhecer os signos afetivos e afetantes que decorrem dos campos de afetações em que faz parte, é uma arte. A Afetologia e a Afetopatologia decorrente da primeira faz parte de um projeto de vida que me dedico e não se explica somente pela minha experiência como clínico. Este projeto advém de minha relação com a arte e a filosofia desde muito pequeno. Devir semiólogo dos afetos, percepções e sensibilidades: este é um “*ethos*” que me acompanha desde o primeiro toque dos meus dedos nas teclas do piano. Eu já era spinozista, mesmo sem o saber. Um spinozista-taoista que acompanha os processos de produção dos campos afetivos-afetantes e, com efeito, os signos-sinais que percorrem e atravessam os corpos.

Conhecer os repertórios de desejos, das capacidades de afetar e de ser afetado de uma pessoa é um caminho sempre novo e misterioso. Nesta aventura de devirmos semiologistas afetivos é preciso a abertura ao desconhecido, à novidade, ao estrangeiro, ao absurdo, conforme Albert Camus: “Esta espessura e esta estrangeirice do mundo, é o absurdo” (CAMUS, 1942, p. 21). É no absurdo que nos deparamos com o ‘susto’ advindo da relação com as diferenças, com o estrangeiro, com aquilo que possa nos diferenciar de nossos hábitos anestésicos. In-mundizar-nos de outros ambientes de vida, de outros mundos. Abrir-se ao absurdo para sermos penetrados por melodias afetivas que podem nos surpreender e nos retirar de nossos hábitos de ver, compreender e perceber uma mesma pessoa. Abrir-se e penetrar-se por signos-sinais afetivos advindos de outros mundos é viver a experiência de in-mundização. In-mundizar-nos de tantas novidades para encontrarmos o que há em comum entre suas experiências com aquilo que faz parte das nossas. Encontrarmos ressonâncias entre nossas diferenças. Assim como as notas musicais que entram em ressonâncias através dos harmônicos que as diferenciam, mas, a um só tempo, as ligam umas às outras constituindo um universo sonoro sempre atual e singular.

Devir semiologista afetivo é mergulhar nas experiências transientes e transitivas do “caos-forma” que nos retira de antigos modos de ser para aprendermos a “dançar com as diferenças”. Aprendemos e desenvolvemos, de pouco a pouco, a potência de entrarmos em sincronias com as cadências afetivas que vêm de outros mundos. Aprendemos a dançar a vida. Devimos criança que dança a vida em sua maior exuberância.

Claro, nesta arte do devir semiólogo afetivo a apreensão frente ao desconhecido está presente. Não há espaço para o controle e certezas. A intranquilidade pode nos

atravessar. Mas, aprendemos a compor com ela. Devimos clínicos jazzistas-afro-blues. Desenvolvemos a potência de seguir o fluxo das incertezas sem a busca incessante das garantias e certezas. Somos percorridos por paixões que nos atravessam destes campos de afetações intercorpos, transcorpos. Aprendemos a compor afetos com os afetos estrangeiros aos nossos. Acompanhamos os signos-sinais afetivos que percorrem nossos corpos e os corpos daqueles que estão conosco. Ao invés de “superarmos” as paixões ou de tentarmos controlá-las, compomos novas melodias e arranjos, arriscando-nos ao novo, à potência da curiosidade e da descoberta na produção de sentidos. Uma descoberta que só pode ser feita em COMUM. Fazemo-nos corpo comum, como UM, compomos “comunidades de afetos”. Afetos que são as melodias atuais e que explicam a expressividade dos corpos que se “in-mundizam”.

Epistemologia mestiça (PEIXOTO, 2021a) que faz solar e expressar o que se mantém velado, contido, territorializado em cada um de nós em novas possibilidades e devires. Aprendemos a “escutar silêncios”. Os silêncios tornam-se sinfonias. Eles expressam o tempo pausado-pulsado, pois são feitos de uma musicalidade infinita do silêncio do encontro sempre nascente. Aprendemos a perceber a eternidade e a exuberância daquilo que é ínfimo. Regozijamo-nos das pequenezas. Aprendemos a “sofrer de alegrias”, assim como aprendemos a compor com as tristezas. Que elas venham e tragam outros movimentos-velocidades-pausas-cadências-lentidões em nossas formas de nos afetarmos e de afetarmos o encontro. Devir semiólogos dos afetos acompanhando *perceptus e affectus* que cantam da potência animalesca dos corpos em suas “transcomposições” com outros mundos. Aventura de nos in-mundizar-mos de tantos sentidos e experiências para além das verdades que tentam nos capturar e produzir servidões. Liberdade, coragem. E esse caminho só pode ser tecido pelos movimentos livres das paixões que vêm do fundo de cada coração.

Referências Bibliográficas

CAMUS, A. *Le Mythe de Sisyphe*. Paris, Gallimard, 1942.

BOVE, L. *O complexo e o comum segundo Spinoza*. Conferência no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ, Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche. Rio de Janeiro: 2010a

_____. *Spinoza. O sujeito de Contrários: do esforço sem sujeito ao amor sem objeto*. Mini-Curso *Spin* de Filosofia Moderna, org. Pf. Dr. André Martins, Programa de Pós-

graduação em Filosofia da UFRJ, Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche. Rio de Janeiro: agosto 2010b.

_____. *La Stratégie du conatus: affirmation et résistance chez Spinoza*. Paris (France): Vrin, 1996.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F.. *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1998.

DELEUZE, G. *Espinosa Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

MERHY, E. "Desafios de desaprendizagens no trabalho em saúde: em busca de anômalos". In: LOBOSQUE, A. M. (org.) - *Cadernos Saúde Mental 3 – Saúde Mental: Os desafios da formação*. Escola de Saúde pública de Minas Gerais. ESP- MG, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
_____. *Causeries*. França, Éditions du Seuil, 1948.

MORIN, E.. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre (RS): Sulina, 2005b.

_____. *Por uma reforma do pensamento*. In: *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Org. Pena-Veja, Alfredo & Nascimento, Elimar Pinheiro do. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MURAKAMI, K.. *Código Divino da Vida*. São Paulo, Ed. Banny, 2008.

NIETZSCHE, F. *The Antichrist*. Versão digital. Disponível em <https://pdfcorner.com/download-the-antichrist-pdf-book-by-friedrich-nietzsche>

PEIXOTO, P. *Composições Modais de Individuação, Heterotopias e Heterogênese Urbana: para uma democracia composicional*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2013.

_____. *Do esquadramento dos corpos à invenção de práticas instituintes em nos ambulatórios de saúde mental: três movimentos para a heterogênese*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2007.

_____. *Champ Compositionnel et Psychopathologie Esthétique: désajustements créateurs et les chemins des contacts*. Conferência proferida no Colóquio da Fédération des Professionnels de Gestalt-thérapie – França, 2022.

_____. *AntiManual de Psicopatologia Estética, Psicopatologia do Sentir e da Biomusicalidade: Indicadores dos Graus de Potência dos Afetos e dos Contatos inspirados na Gestalt-terapia, Musicoterapia e filosofias das experiências*. Pesquisa realizada como parte do estágio Pós-doutoral no Programa de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro,. Rio de Janeiro, PPGP, 2021a.

_____. “*Música, Gestalt-musicoterapia e a Awareness do Campo*”. In. Recursos Criativos em Gestalt-terapia. Coleção Gestalt-Terapia, vol. 8, Org. Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukmitsu. São Paulo, Summus, 2021b.

_____. “*Biomusicalidade, experiência e awareness coletiva: Gestalt-terapia e musicoterapia no cuidado de pais e bebês*”. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 2019. v. 19, n. 4, p. 1084-1103.

_____. *Gestalt-Terapia e Contatologia: Filosofia, arte e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais*. Macaé (RJ), Paulo-de-Tarso Editor, 2018.

PERLS, F., HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P.. *Gestalt-Thérapie. Nouveauté, Excitation et Développement*. France: l’Exprimerie, 2001.

RAUTER, C. & PEIXOTO, P. “*Psiquiatria, Saúde Mental e Biopoder: Vida, Controle e Modulação no Contemporâneo*”. In: *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 2. Maringá (PR): Psicologia em Estudo, 2009.

SPINOZA, B. *Traité Politique & Lettres*. Paris: GF Flammarion, 1964.

_____. *Ética*. Edição bilingue: latim-português. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

TEMPELS, P.. *La Philosophie Bantoue*. Lovania, 1945.

UEXKÜLL, J. V.. *Mondes Animaux et Monde Humain – suivi de la Théorie de la Signification*. France: Éditions Denoël, 1965.

Recebido em 03/03/2023

Aprovado em 20/04/2023